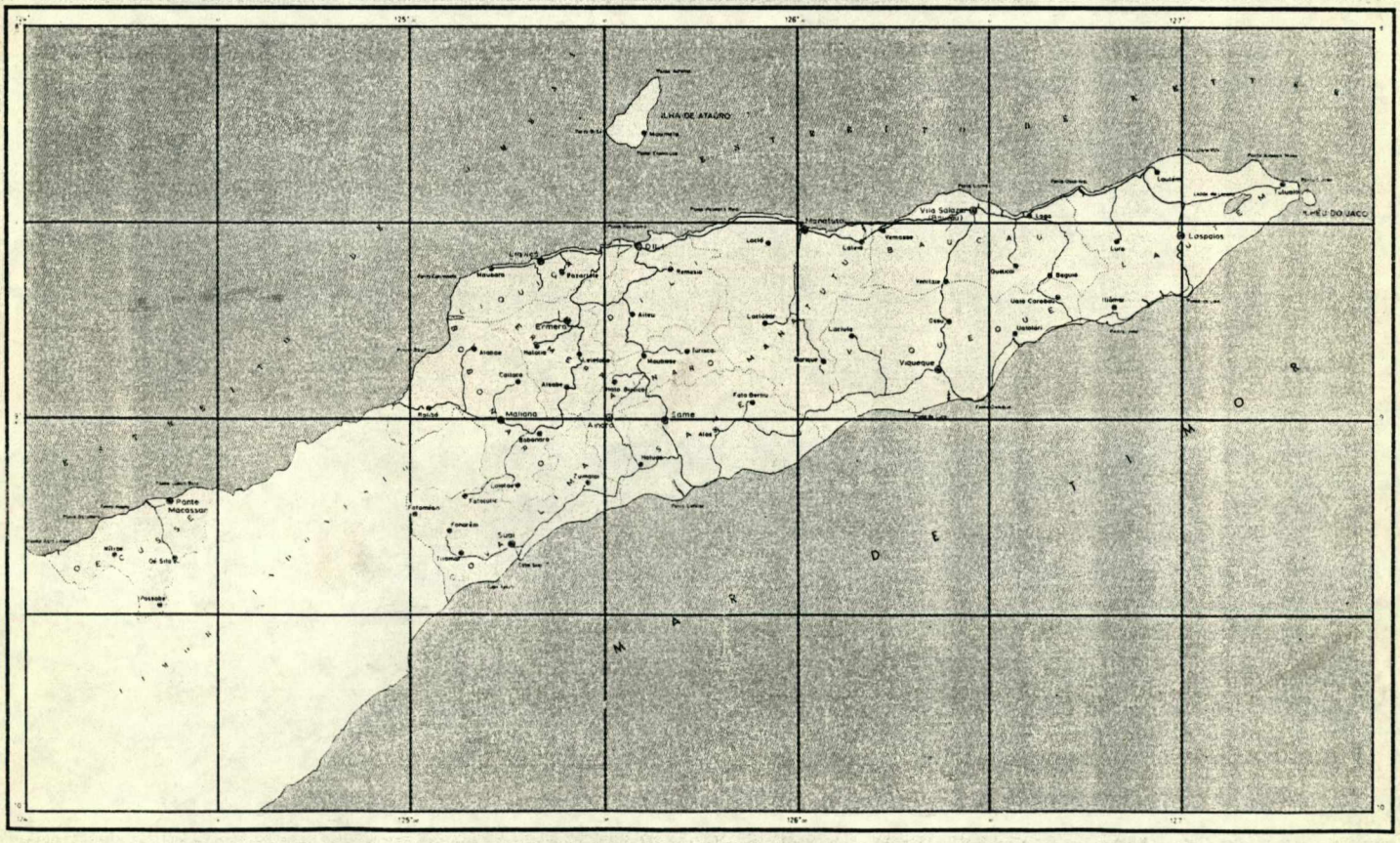
TL745

HISTÓRIA SUCINTA DO DESTACAMENTO DE PARAQUEDISTAS DE TIMOR



ADVERTÊNCIA

EMBORA pouco conhecida, a presença dos Páras em Timor caracterizou-se por um comportamento em tudo digno do historial das Tropas Paraquedistas. Não tiveram oportunidade de defender em combate a sua reputação de Tropas de élite, mas deram provas sobejas de permanente disponibilidade para a acção, mesmo nas situações mais críticas.

«BOINA VERDE» tem procurado obter depoimentos e documentação que permitam traçar, de forma fidedigna, uma cronologia da permanência dos Páras naquele Território ainda sob administração Portuguesa. No entanto, a escassez das fontes, a controvérsia persistente sobre o passado, o presente e o futuro de Timor, e sobretudo o facto de o comportamento de elevado número de protagonistas ser passível de severas críticas, têm desaconselhado a publicação do material disponível.

A decisão de trazer agora a lume alguns, e apenas alguns, dos aspectos mais relevantes da actuação do Destacamento de Paraquedistas de Timor (DPT), visa dois objectivos principais: incorporar desde já uma referência, incompleta mas comprovada por fontes idóneas, no historial das Tropas Paraquedistas; sensibilizar os leitores que possuam documentos (escritos, fotográficos ou outros) ou guardem na memória ocorrências importantes, para a necessidade urgente de contactarem a nossa Revista, tendo em vista a utilização futura desse material na elaboração de uma versão mais completa da história do DPT.

O presente trabalho apoia-se em documentação escrita e fotográfica e em depoimentos de alguns militares que prestaram serviço no DPT.

Os documentos escritos são os seguintes:

— Relatório do Governo de Timor
— Relatório da Missão de Análise e Esclarecimento do Processo de Descolonização de Timor (ambos editados em 1981 pela Presidência do Conselho de Ministros)
— Ordens de Serviço do Destacamento de Paraquedistas de Timor
— Diários de diversos militares Paraquedistas
— Determinações e Relatórios de Ocorrências
— Directivas Números 1 e 2 do Comandante Chefe das Forças Armadas de Timor
— Livro «O último voo sobre Timor», do Capitão piloto Alves Ferreira
— Jornal «Advertiser» de Adelaide, Austrália, de 18SET75.

Os militares que forneceram informações são os seguintes:

— TCOR/TPAA Freitas de Oliveira
— TCOR/SGPQ. Mota
— MAJ/PQ. Branco
— MAJ/PQ. Silveira
— SAJU/PQ. Baltazar (R)
— PSAR/PQ. Magalhães

HISTÓRIA SUCINTA DO DESTACAMENTO DE PARAQUEDISTAS DE TIMOR

CRONOLOGIA DE ALGUNS EVENTOS MAIS SIGNIFICATIVOS

1. Generalidades

O Destacamento de Paraquedistas de Timor (DPT), também designado Destacamento de Caçadores Paraquedistas (nomeadamente no cabeçalho das respectivas Ordens de Serviço), foi activado na sequência do pedido reiterado do Governador e Comandante Chefe, coronel Mário Lemos Pires, sendo inicialmente (entre Maio e Julho de 1975) constituído por um único pelotão. Esta força, enquadrada pelos Cap. Freitas de Oliveira (comandante designado do DPT), Alferes Silveira, 1.º sargento Mata, 2.º sargentos Salgueiro, Soares e Matos e furriel Patrocínio, fez a viagem desde Lisboa/AT1 em avião dos TAM, com escalas em Luanda, Diego Garcia e Jakarta, tendo aterrado em Baucau (único aeródromo de Timor que permitia a operação de Boeing 707) no dia seguinte (07Abril75).

Foi-lhe destinado um antigo quartel da Polícia Militar de Díli, que se encontrava abandonado há algum tempo e coberto de mato. Durante as operações de limpeza e desmatagem encontraram-se vários canhões em bronze da fundição de Goa, os quais foram entregues ao Museu da cidade.

O segundo pelotão, enquadrado pelos Tenentes Branco e Mota, PSarg. Baltazar e furriéis mil. Marcelino e Cópio, embarcou igualmente no AT1, no dia 23Jul, em avião dos TAM que também transportava, além de um helicóptero Allouete III, familiares dos militares em serviço em Timor e alguma fruta oferecida pela Base Escola de Tropas Paraquedistas aos paraquedistas de Timor.

Fizeram escala em Washington (Andrews), S. Francisco, Honolulu (onde permaneceram cerca de dois dias aguardando a chegada de sobressalentes para os helicópteros em serviço em Timor; durante a permanência, uma praça accionou inadvertidamente o alarme contra incêndios dos alojamentos onde pernoitava, e passados momentos estava o edifício cercado pelo pessoal encarregado da segurança da Base) e Guam, tendo aterrado em Baucau em 25Jul. Neste avião regressaram a Lisboa 8 praças paraquedistas que tinham terminado o tempo de serviço e vinham criando problemas de natureza disciplinar.

O deslocamento entre Baucau e Díli foi efectuado em viaturas pesadas de carga pertencentes a uma empresa civil. A passagem da coluna pelas povoações foi marcada pela presença de populares que saudavam a UDT ou a FRETILIN, numa demonstração clara de que a agitação política já chegara à província.

O DPT recebeu a sua primeira DIRECTIVA para actuação em 16Mai75. Nela se definiam uma Missão e um Conceito que expressam a intenção de poupar os paraquedistas às ingratas tarefas de manutenção da ordem, reservando-os, enquanto força de intervenção do Comandante Chefe, para utilização em última instância (ver caixa).

Uma segunda DIRECTIVA, com a mesma data, dá instruções para execução de exercícios destinados a familiarizar o DPT com as áreas de actuação prioritárias, especificando meios, duração, finalidades e outras instruções (ver caixa).

Díli — À chegada ao Quartel só se via mato

Durante cerca de 4 meses a situação manteve-se calma. Foi, pois, possível pintar o quartel e ajardiná-lo, e ainda construir um bar de praças anexo ao respectivo refeitório.

Não obstante, a instabilidade que caracterizava a vida política portuguesa teve fundas repercussões no seio da Instituição Militar e as forças destacadas em Timor não fugiram à regra. A consulta das poucas Ordens de Serviço publicadas pelo DPT espelham com nitidez as dificuldades que se ofereciam na altura à acção do Comando. De facto, da leitura das 29 O.S. publicadas entre os dias 01MAI e 04AGO1975, conclue-se que no período foram punidas 11 praças, normalmente por ausência ilegítima do serviço, contra apenas 1 louvada.

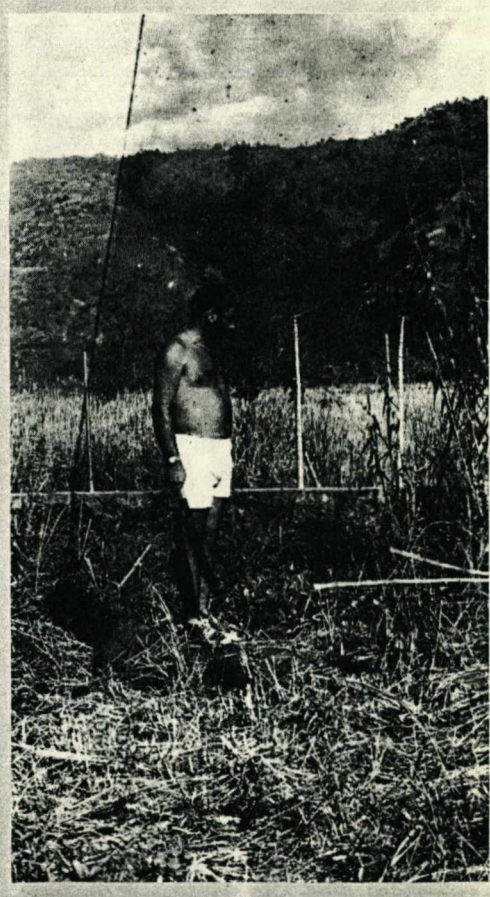
O dia da Força Aérea Portuguesa foi festejado com uma jornada de portas abertas e uma sessão de saltos de abertura manual que, por inédita, obteve assinalado êxito.

A actividade quotidiana era pouco variada. Consistia em sessões de ordem unida, treino físico que terminava com um mergulho na praia, e patrulhamentos auto destinados a proporcionar um melhor conhecimento da ilha e dos seus habitantes.

O passatempo predilecto era a luta de galos e, aos sábados à noite, os bailes do Pala Passo, espécie de discoteca local.

2. Alguns antecedentes das confrontações violentas entre a UDT e a FRETILIN (01JAN a 08AGO75)

Em Janeiro de 1975 a UDT, através dos seus elementos mais progressistas, e a



O PSar Salgueiro sobre o canhão da Fundição de Goa quando ele apareceu na desmatagem do Quartel. (Entregue ao Museu de Dili).

HISTÓRIA SUCINTA DO DESTACAMENTO DE PARAQUEDISTAS DE TIMOR

FRETILIN, que pretendia liderar todas as forças pró-independência, coligaram-se com base nos seguintes pontos principais (comunicado conjunto de 25JAN):

— Obtenção da independência total
— Repúdio da APODETI
— Rejeição da integração noutra potência estrangeira
— Reconhecimento de Portugal como único interlocutor
— Formação de um Governo de Transição por negociação entre o Governo Português, a FRETILIN e a UDT.

A Coligação tomou parte em reuniões de trabalho com o Governo local, no sentido de discutir as bases para o estatuto do território, as quais seriam concretizadas em reunião com representantes do Governo Central, prevista para Macau, em Junho.

Em Abril, por decisão do Conselho Militar, foi instituída a Comissão de Descolonização de Timor (CDT) com a finalidade de «Coordenar, acompanhar e incentivar o processo de descolonização». A 24 desse mês, a CDT sugere que sejam encetadas conversações preliminares para aproximar as posições dos três partidos políticos (UDT, FRETILIN e APODETI).

A Coligação refletiu sempre o antagonismo entre as facções que a constituíam, tendo uma sobrevivência difícil. A situação de tensão não se verificava apenas ao nível político mas também no âmbito militar e entre diferentes sensibilidades civis. Nos finais de Maio, por exemplo, uma força do DPT teve de deslocar-se à região de Maubisse para pôr cobro à agitação violenta entre adeptos da UDT e da FRETILIN.

Ainda em Maio, a UDT decidiu unilateralmente abandonar a Coligação, invocando o predomínio que aí ganhara a ala extremista da FRETILIN.

A cimeira de Macau veio a realizar-se entre os dias 26 e 29 de Junho, sem a presença da FRETILIN. A consequência mais importante da cimeira foi a promulgação da Lei 7/75, de 11Julho, que estabelecia o processo e o calendário da descolonização e o estatuto orgânico de Timor.

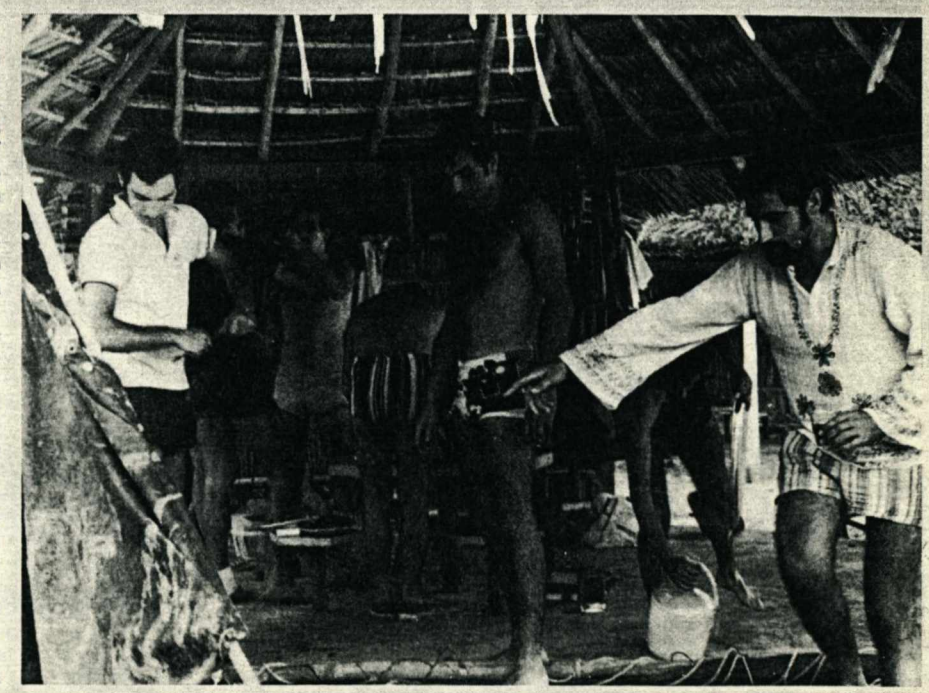
No dia da abertura da cimeira, a UDT realizou em Díli uma manifestação de regozijo que constituiu uma indesmentível prova de força, já que grande parte dos manifestantes transportava as armas tradicionais. Quando se iniciou a desconcentração, a FRETILIN apedrejou os manifestantes, provocando uma reacção que podia ter redundado em desastre não fora a intervenção da PSP e da PM.

Em Julho, o Comandante Chefe solicitou ao Governo Central que fossem deslocados para Timor mais uma companhia e um pelotão de Paraquedistas, por forma a poder dispor no território de duas companhias de Paraquedistas completas, bem como de mais um helicóptero; esta força constituiria uma reserva para dissuasão de acções violentas, previsíveis dado o ambiente de tensão política prevalecente.

Em resumo, a situação entre 1 de janeiro e 08 de Agosto de 1975, pode caracterizar-se da seguinte forma: *

— O apoio de Portugal a Timor materializou-se no campo financeiro, no estabelecimento de ligações aéreas pela FAP entre Lisboa e Baucau, na atribuição de 1 destacamento de Paraquedistas (2 pelotões) e de um destacamento de dois helicópteros e ainda na deslocação de um navio com abastecimentos e outros materiais.
— Verificou-se em Timor uma forte influência da radicalização da revolução portuguesa, bem como da independência concedida a outros territórios ultramarinos e da preponderância do MFA na vida nacional, tendo-se verificado que a Indonésia se mostrou particularmente sensível à referida radicalização.
— O aspecto mais característico da UDT, além da coligação com a FRETILIN, foi a tentativa de acautelar a sobrevivência futura face à Indonésia, desenvolvendo uma faceta anti-comunista.
— A APODETI continuou a ser apoiada pela Indonésia.
— No aspecto político, o final do período foi caracterizado por grande instabilidade, provocada em especial pela actuação da FRETILIN, a quem se atribuía a intenção de conquistar a independência, se necessário, pela força.
— No campo disciplinar, os aspectos mais significativos foram a eficiência que os Paraquedistas sempre mantiveram, a desmotivação dos metropolitanos em geral e a falta de controlo sobre as tropas naturais, de que resultou a suposição de que não seria possível contar com estes últimos para resolver problemas de manutenção da

Messe de graduados do DPT em Dili



Momento de descontracção na praia

ordem, pois se correria o risco de provocar uma guerra civil.

3. Período de 08 a 26 de Agosto de 1975

Os incidentes mais graves dos primeiros dias de Agosto foram os de Oecússi e Remexio. No enclave de fronteira, tornou-se necessária a intervenção militar, já que a pressão indonésia era grande. Quanto ao Remexio, assinale-se que o enfermeiro e dois activistas da FRETILIN assaltaram o posto e sequestraram os simpatizantes da UDT. Uma força militar deslocou-se ali para repor a ordem, deixando no local um destacamento.

Em Díli, em 08 e 09 de Agosto, a UDT levou a cabo manifestações de cunho vincadamente anti-comunista e contra a FRETILIN, durante as quais se pediu a expulsão de alguns militares e civis pertencentes ao grupo «progressista».

Na noite de 10 para 11 de Agosto a UDT deu início à acção armada, em Díli e no interior do território, procurando obter o controlo dos pontos vitais (instalações militares e sedes administrativas). As notícias que chegam ao DPT são alarmantes: a Manutenção Militar está a arder e a arrecadação do material de guerra do Q.G. foi assaltada, tendo sido roubado um número indeterminado de armas.

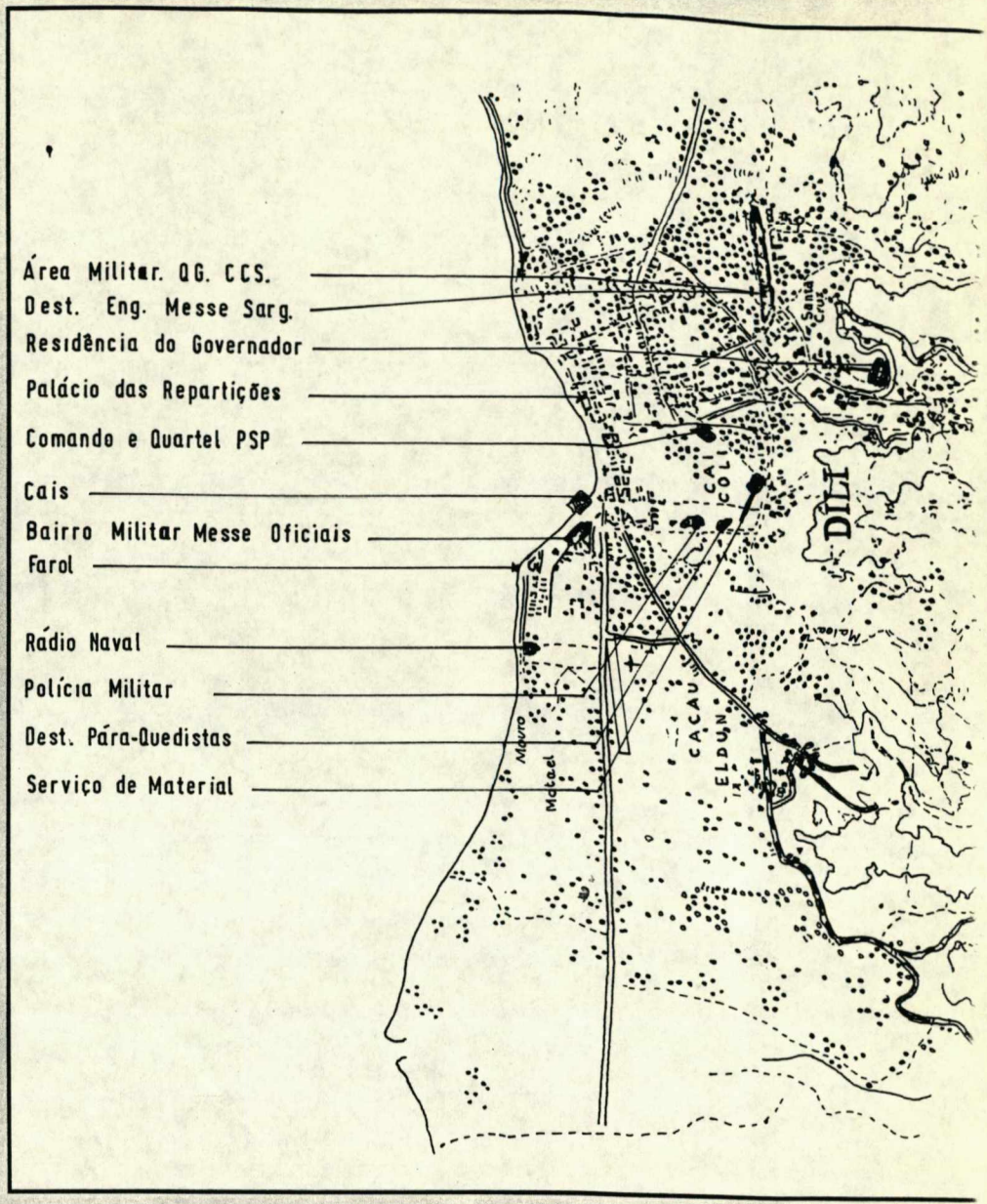
Em 110100AGO, um grupo de oficiais do exército comparece no DPT, dizendo que a UDT tinha ocupado as instalações da PSP e aprisionado o respectivo comandante, além de manter cercado o Q.G. e aparentemente dominar a situação na cidade e no interior.

Sensivelmente nessa altura verificou-se o corte da energia eléctrica e das linhas telefónicas, ficando o DPT sem ligação ao exterior, designadamente ao Q.G., em virtude de não dispor de material TSF.

O Comandante interino do DPT (o Comandante, cap. Freitas de Oliveira, encontrava-se em gozo de licença em Portugal Continental) decidiu deslocar-se ao Q.G. para obter a cedência de material TSF e eventualmente para receber instruções para actuação. Deslocando-se num jeep com um oficial e duas praças, apercebeu-se da existência de pequenos grupos dispersos da UDT, mal armados e revelando medo, os quais não controlavam efectivamente coisa nenhuma. Realça-se o ocorrido junto a uma esquadra da PSP, onde um grupo barricado e armado cortara a circulação. Apercebendo-se da presença dos Paraquedistas, os elementos da UDT levantaram imediatamente a barricada e apresentaram desculpas.

No encontro com o governador, foi-lhe sugerido que encarregasse o DPT de controlar a situação, tendo aquela autoridade manifestado a opinião de que se tratava de um assunto político que como tal devia ser resolvido. Na altura foi decidido reforçar a segurança da residência oficial com uma força de Paraquedistas, tendo o Q.G. cedido algum material de TSF ao DPT.

No dia seguinte (12), no decurso de reunião no Comando Operacional, foi salientada pelo Comando do DPT a necessidade de as N.T. controlarem a área do porto, bem como a de se recuperar o controlo sobre os helicópteros retidos pela UDT no aeroporto de Díli, se necessário pela força. Soube-se então que decorriam negociações com a UDT, mas que até ao momento não tinha havido cedências. O Comandante interino do DPT solicitou autorização para um contacto directo com o dirigente da UDT engenheiro Carrascalão visando recuperar os helicópteros. Contactado o referido dirigente e mantendo-se a recusa, foi-lhe dito que seria utilizada a força, tendo então aquele cedido. Os helicópteros aterraram efectivamente no dia seguinte no aquartelamento do DPT.



Nos dias que se seguiram, a cidade dividiu-se progressivamente em duas partes. Numa delas, na qual se situavam os aquartelamentos militares, a vida decorria com relativa normalidade. A outra incluía o porto, local previsto para a evacuação dos familiares dos militares e funcionários metropolitanos; nesta prevalecia a influência da UDT, a qual de resto reagiu fortemente à preparação da evacuação, chegando a ameaçar que bombardearia o navio encarregado da manobra.

Nesta ocasião, o Comando do DPT propôs a ocupação imediata das instalações portuárias, mas preferiu-se a via negocial, a qual de resto se veio a revelar satisfatória para efeitos do embarque dos evacuados. De facto, os militantes daquele Movimento retiraram para um sector fora das vistas dos refugiados, aí se mantendo enquanto duraram as operações de embarque e saída do navio. Alguns dias mais tarde acabaram por abandonar o porto, que ficou à guarda de pessoal do Destacamento de Engenharia.

Enquanto isto, os militares metropolitanos viam com muita apreensão o evoluir da situação política. Não só desconheciam a verdadeira força e intenções dos Movimentos Timorenses, como se sentiam inquietos perante a acção do GADIFAT e a sua preferência expressa por uma solução «progressista» para Timor.

No dia 12 saiu do porto o navio «Mac-Díli» com 272 pessoas rumo a Darwin.

Às 13H00 a UDT apresentou um ultimato, exigindo resposta até às 15H00. Caso o Governo não satisfizesse as condições apresentadas — «prisão de todos os dirigentes da FRETILIN, independência imediata transferida para a UDT e ocupação das unidades de Díli com tropas paraquedistas» —, a UDT provocaria a intervenção imediata de forças de países anti-comunistas da área.

O posto de Comando do Comandante Chefe foi instalado no bairro militar, junto ao cais.

A Polícia Militar começou a patrulhar a cidade.

As nossas autoridades passaram a controlar alguns pontos que a UDT foi cedendo, entre os quais o porto, para as evacuações.

A 14, a UDT leu na rádio um comunicado de que se destacam os seguintes aspectos:

HISTÓRIA SUCINTA DO DESTACAMENTO DE PARAQUEDISTAS DE TIMOR

«As tropas estão a aparecer muito na rua. São tropas naturais sem controlo Português. Exigimos a prisão do aspirante Rogério Lobato, do alferes Guido Soares, Primeiro Sargento Ribeiro e Furriéis Exposto e Mosaco.

Ocupação das Unidades de Díli por Paraquedistas para controlo do armamento.»

Nesse dia, após ter aderido à UDT, o Tenente-Coronel Magiollo, antigo comandante da PSP local, procurou a adesão da guarnição militar de Díli e desenvolveu tentativas de conciliação e de solução pacífica da crise sem qualquer êxito.

Entre os dias 14 e 17 sucederam-se reuniões de elementos representativos das unidades militares e destes com representantes da UDT e da FRETILIN. Os últimos são considerados pouco representativos, em virtude da ausência do seu chefe (Xavier). Os dois helicópteros em serviço fazem, aliás, diversas tentativas frustradas para o encontrar.

A intenção das reuniões terá sido a formação de uma Frente comum destinada a enquadrar as diferentes sensibilidades políticas, com excepção da comunista. Pretendia-se restabelecer a normalidade em Díli através de um acordo de segurança que permitisse reabrir as casas comerciais, suspender as emissões rádio e normalizar progressivamente todo o território. Os delegados militares metropolitanos, previamente eleitos, propunham a apresentação de condições que iam desde o desarmamento de todos os elementos dos Movimentos à libertação dos presos políticos e à dissolução da PSP.

Em 15 de Agosto o Capitão Lino da Silva, da companhia de Lospalos, aderiu à UDT e marchou com a sua companhia sobre Baucau, cuja guarnição se incorporou na coluna para Díli.

O comando do DPT propôs superiormente impedir o acesso da coluna Lino da Silva a Díli. A sugestão não foi aceite, tendo o DPT recebido instruções para deixar de patrulhar a cidade após a chegada da referida coluna.

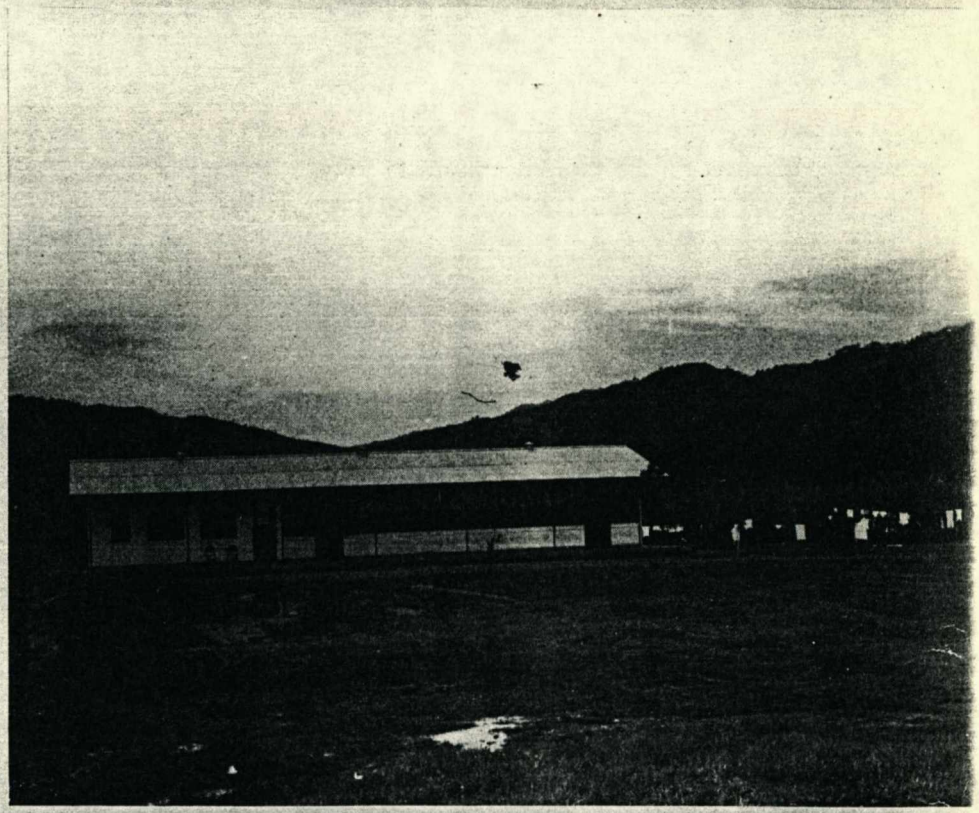
Em 16 de Agosto o comando do DPT toma conhecimento dum plano das N.T. para ocupação e defesa do porto. Para lá de várias medidas que, no entender daquele comando, «ainda não tinham sido executadas e já estavam ultrapassadas», o documento cometia ao DSM a missão de fornecer ao DPT 3 Berliets e um número não especificado de morteiros de 60 e 81 mm com as respectivas munições (estas armas estavam pedidas há dois meses, desde a altura em que se pôs a hipótese de ocupar o porto).

No mesmo dia, pelas 15H30, um oficial do GADIFAT informa que vêm a caminho de Díli 1600 indivíduos dispondo de armamento pesado. O comandante interino do DPT pretende efectuar um reconhecimento em helicóptero para confirmar o deslocamento, mas é dissuadido pelo Governador, que parece seguro das garantias dadas pela UDT de que os metropolitanos não seriam molestados.

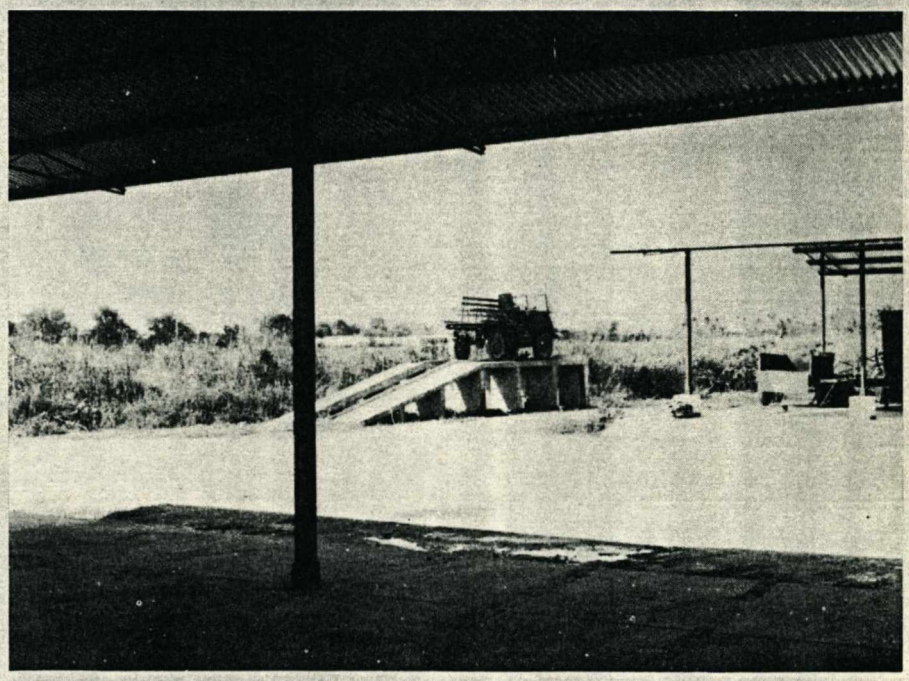
Ainda neste dia, o comandante interino do DPT solicita autorização para deixar de participar nas reuniões do GADIFAT, o que foi concedido.

De facto, as tendências manifestadas pelos membros daquele gabinete podiam comprometer a imagem de neutralidade que o DPT fazia questão em manter.

Em 17 de Agosto apareceu no DPT um Land Roover carregado com processos da ex-Pide DGS para serem destruídos. Após confirmação da ordem pelo comandante militar, procedeu-se à queima dos documentos.



Parada do Quartel de Dili e Messe de praças ao fundo



Oficinas auto no Destacamento de Dili

Antes, pelas 10H00, soube-se que os efectivos das companhias de Lospalos e Baucau já se encontravam na sede da UDT em Díli. Como aproximadamente na mesma altura constou que havia ordem para recolher as patrulhas militares e para os militares se concentrarem nos quartéis, o comandante interino do DPT dirigiu-se ao Comando Operacional, onde solicitou decisões relativas aos seguintes pontos:

— Necessidade de concentrar a defesa na área do porto. Esta questão passara a ser urgente desde que, neste mesmo dia, se constatara ter a PM abandona-

do as suas instalações. Ora este quartel encontrava-se sobre o itinerário entre o DPT e o porto, e a sua ocupação por forças hostis tornava o deslocamento muito difícil senão impossível, já que o terreno circundante era constituído por pântanos dum lado e por montanhas do outro.

— Necessidade de equipar o DPT com morteiros, LGF e munições, e de o dotar com Berliets, tudo material que vinha sendo repetida e incessantemente reclamado.

— Impossibilidade de garantir uma resistência efectiva no aquartelamento do DPT contra forças progressivamente mais fortes (tanto da UDT como da FRETILIN) a cada hora que passava.

— Necessidade de colocar fora do alcance dos Movimentos Políticos o armamento excedentário (quase tudo G3).

No dia 18 de Agosto realizou-se nova reunião com a presença do Governador para avaliar a oportunidade de insistir em lançar a Frente. A situação complicara-se, pois havia mais unidades a aderir à UDT e à FRETILIN, e as posições tinham-se radicalizado. Foi decidido pedir ao governo central uma acção mediadora entre as várias forças em presença.

Entretanto, desconhecendo-se a situação em Aileu, enviou-se para ali, de helicóptero, o Capitão Cariano e o PSargento Ribeiro com a missão de esclarecerem os militares timorenses sobre o andamento das conversações em Díli. Inesperadamente, foram aprisionados juntamente com a tripulação.

O comando militar só veio a ter conhecimento desta situação pelas 15H45, quando regressou o helicóptero que se deslocara à referida localidade com a finalidade de prestar assistência ao outro helicóptero que ali estaria avariado. Não chegou a aterrar em virtude de ter sido alvejado com fogo de armas ligeiras, regressando a Díli sem ter concretizado qualquer contacto no local. Soube-se entretanto que a guarnição de Aileu aderira à FRETILIN, receando-se que os simpatizantes deste movimento em Díli se organizassem, hostilizando não só a UDT mas igualmente os metropolitanos.

Às 17H45 o Comandante interino do DPT informou o Governador de que ainda não recebera as armas e as munições há tanto tempo pedidas. Ficou assente que o DSM ia mandar, o mais disfarçadamente possível para não suscitar alarme, uma Berliet com dois morteiros 81 e munições. Porém, um responsável do DSM não concordou com a saída dos morteiros por causa da agitação que inevitavelmente causaria. O comandante interino do DPT manifestou então vontade de levar para o porto, desde já, algumas G3, granadas e munições. Para o efeito deslocou-se ali, procedendo ao reconhecimento do porão do navio «Lifau», verificando-se que o transporte daquele material e sequente acomodação no local seria extremamente difícil. Voltou a contactar o Chefe de Estado Maior do Comando Operacional, concluindo-se finalmente pela colocação no porto de apenas 50 G3 com munições e algumas granadas de mão. Ficou igualmente assente que em caso de deslocamento para o porto, o DPT levaria consigo os 3 morteiros e as poucas granadas de que dispunha.

Em 19 de Agosto pelas 18H00, durante uma reunião no Comando Operacional, concluiu-se ser cada vez mais clara a clivagem política entre os Movimentos rivais, perdendo sentido a ideia da Frente. Na verdade, os confrontos violentos entre a Fretilin e a UDT recrudesciam de intensidade e eram cada vez em maior número os refugiados na Sé de Díli e no porto.

O comando do DPT propôs que se organizasse militarmente a área do porto e que se utilizasse o armamento pesado em depósito no Destacamento de Serviço de Material. A sugestão não teve concretização em virtude da oposição manifestada por diversos oficiais.

Na madrugada de 20 de Agosto (02H00) o Aspirante Lobato (Fretilin) passou a controlar a CCS e o QG. Seguiram-se o Destacamento do Serviço de Material e o Destacamento de Engenharia, ficando todas estas unidades comandadas por oficiais milicianos naturais de Timor. O tiroteio entre os dois Movimentos alastrou à cidade toda, tendo o Comando Operacional sido reforçado com uma secção de paraquedistas.

A Fretilin explorou a situação que conquistara, pois o QG dispunha de ligações rádio com o restante território de Timor e na sua área concentravam-se a Manutenção Militar, o Depósito de Combustíveis e o Paiol, com elevado nível de munições.

Entretanto, os militares metropolitanos iam sendo concentrados na área do cais/ /Bairro Militar. A esta zona, considerada neutra, afluiram igualmente muitos civis.

O Comando Operacional deu ordem ao DPT para abandonar o aquartelamento e instalar-se no porto. O comando do DPT fez notar que tal deslocamento podia ser entendido como sinal de fraqueza e provocar a perda do prestígio de que o DPT gozava até

Saída para a pesca

Díli - praia da areia branca

HISTÓRIA SUCINTA DO DESTACAMENTO DE PARAQUEDISTAS DE TIMOR

aí. A análise foi julgada correcta e a ordem anulada. Esta chegou efectivamente, por escrito, no dia seguinte (ver caixa).

Em 20 de Agosto o comandante chefe enviou ao governo central o seguinte telegrama:

«Situação Díli continua muito confusa e não controlada por mim. Praticamente existem duas forças ambas com militares e mal controladas. Manteve-se tiroteio disperso durante todo o dia. Estou confinado área porto e bairro Militar não controlando qualquer unidade Díli excepto Armada e Páras».

Noutra mensagem com a mesma data, a mesma entidade reclamava «... Assim para além presença delegação portuguesa que é urgentíssima também imprescindível forças externas. Caso impossibilidade sugiro vinda imediata companhia páras Baucau para auxiliar pressão já insustentável».

Em 21 de Agosto o DPT transferiu-se para a zona neutra, tendo previamente procedido à inactivação do armamento excedentário (cerca de 500 G3). Organizou-se a segurança desta zona onde também se fez a triagem dos refugiados, para evitar que ali se acolhessem combatentes dos Movimentos em conflito.

No dia 22 de Agosto ouviam-se tiros e rebentamentos em toda a cidade. Algumas casas eram pasto de chamas. Depósitos de combustíveis explodiam.

O número de refugiados aumentava e com eles as dificuldades logísticas. Alguns apresentavam ferimentos. No porto foi montado um pequeno hospital, para onde eram transportados alguns feridos recolhidos pelas patrulhas do DPT. Uma equipa médica metropolitana prestava os primeiros socorros com os parcos meios ao seu dispor. Foi montado um pequeno gerador para apoio do hospital.

Neste dia verificou-se o primeiro incidente grave entre elementos da UDT e paraquedistas: quando uma viatura destes atravessava, ao anoitecer, uma zona controlada pela UDT, foram disparados alguns tiros de arma ligeira que provocaram um ferimento num pé a uma praça.

No dia 23 de Agosto começaram a embarcar os primeiros refugiados (apenas mulheres e crianças).

A zona do porto e áreas adjacentes eram consideradas neutrais, mas o acordo não foi cumprido e UDT e Fretilin enfrentaram-se aí de armas na mão. Para manter a neutralidade da zona e afirmar a autoridade portuguesa, uma secção do DPT tomou posições de combate, disparou algumas rajadas de armas ligeiras e ordenou aos elementos dos 2 partidos que abandonassem a zona, o que estes fizeram sem oposição.

Em 24 de Agosto regressou o navio «Mac-Dili» para recolher mais refugiados. Dada a insuficiência dos géneros disponíveis, os refugiados solicitaram aos paraquedistas que fossem buscar aos seus armazéns víveres e haveres. Posto o problema ao Comando Operacional, decidiu-se que um Alferes do Exército fosse à Manutenção Militar, então já controlada pela Fretilin, levantar mantimentos. Os páras verificaram então, com surpreza, que a Berliet destinada ao serviço tinha estendida, na parte frontal, a bandeira nacional. Foi-lhes dito que assim não existia perigo de alguma acção violenta durante o percurso, dado o respeito dos timorenses pelo símbolo nacional. Face ao que entenderam ser uma utilização inadequada da bandeira, os páras decidiram executar a missão com os seus meios. Quando procediam ao carregamento dos mantimentos na Manutenção Militar, foram impedidos de o fazer por um grupo numeroso e bem armado de elementos da Fretilin. O oficial comandante da força dirigiu-se ao QG onde manifestou a vários dirigentes da Fretilin, entre os quais Lobato e Alcatir, a determinação de levar os géneros. O dirigente Lobato revelou ter existido um mal entendido por parte dos seus homens, podendo os páras levar o que quizessem e sempre que necessário.

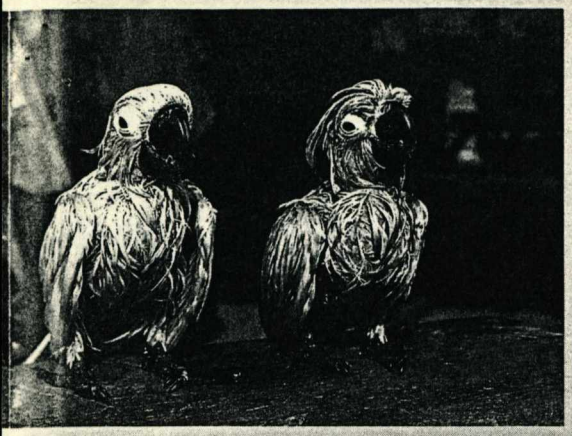
Nesta data o governador enviou ao governo central o seguinte telegrama:

«Conseguiu-se terminar embarque no navio «Loyd Bake» cerca meia noite entrando a bordo 1155 refugiados metropolitanos civis militares estrangeiros timorenses maioria mulheres crianças. Embarque por transbordo em lancha feito clima pânico e insegurança. Vai ser difícil mais evacuações mesmas condições. Durante noite continuou tiroteio tendo caído duas granadas morteiro no porto considerada zona neutra só não ferindo por sorte tropas paraquedistas além disso foi bombardeada periferia toda zona neutra onde estou confinado numa demonstração força e pressão».

Em 25 de Agosto o cais foi bombardeado por morteiros, causando ferimentos em dois paraquedistas ** e provocando mortes entre os civis. Foi decidido realizar uma acção de demonstração de força com efectivos reduzidos sobre a UDT (acampamento) e Fretilin (QG e CPM), tendo os paraquedistas amea-

Hora de almoço em Dili

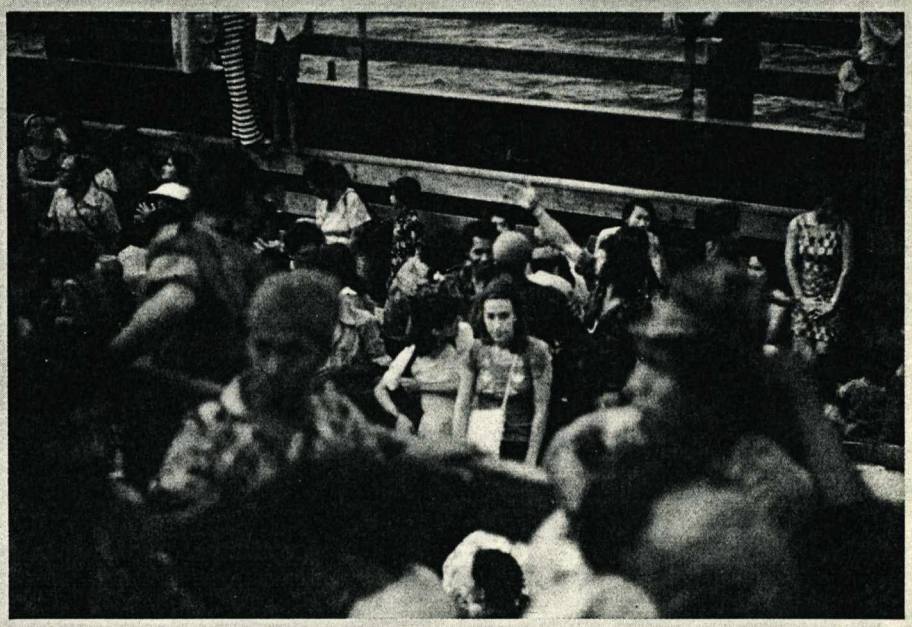
Deslocamento auto



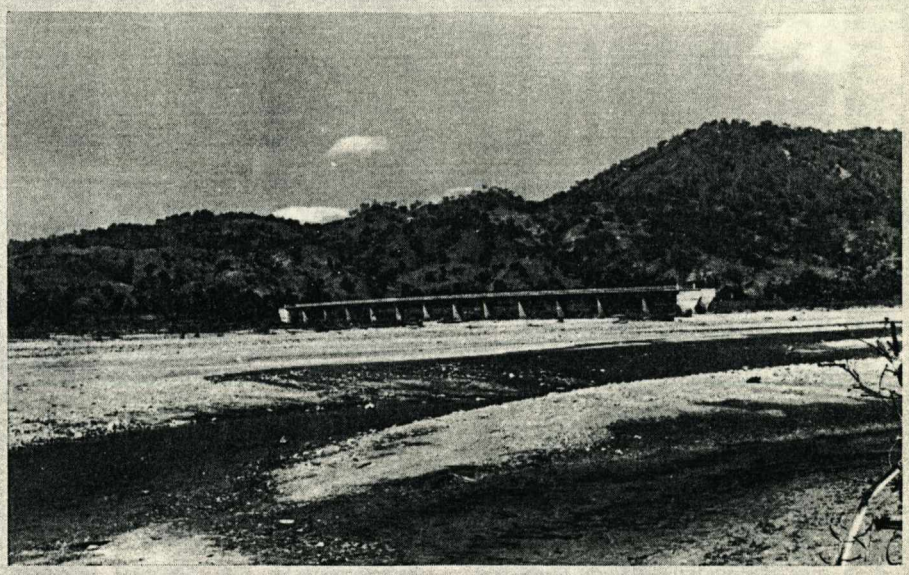
Os hóspedes do Destacamento

Ambulância com feridos chega ao porto de Dili

Alfândega do Porto de Dili. Rebentamento do depósito de gasóleo.



Refugiados embarcados na LDG



Deslocamento a BAUCAU

çado de reacção violenta caso a zona neutra voltasse a ser atingida. No acampamento da UDT apreenderam um morteiro de 81 mm.

O navio «Mac-Dili» regressou em 26 de Agosto para recolher a última vaga de refugiados.

Por seu lado, o comandante interino do DPT foi informado no Comando Operacional de que nessa noite os militares metropolitanos ainda em Dili, bem como o Governador e seu Estado-Maior, retirariam para a ilha de Ataúro.

O DPT recebeu ordem de planear fogos destinados a bater o QG antes de abandonar o porto. O planeamento foi efectuado, não chegando, porém, a concretizar-se.

HISTÓRIA SUCINTA DO DESTACAMENTO DE PARAQUEDISTAS DE TIMOR

Considerada a situação e o comportamento anterior de neutralidade, esta medida de retaliação foi considerada inoportuna e desprovida de sentido.

Um pouco antes da meia-noite os meios navais existentes rumaram para Ataúro (ilha com 144 km2 e cerca de 6000 habitantes) levando a bordo os últimos representantes de Portugal em Timor: Comandante Chefe e seu Estado-Maior, 3 médicos, 26 elementos da Armada, o Destacamento de Paraquedistas de Timor e o piloto da FAP. A saída fez-se sem atropelos. Previa-se uma estadia máxima de três dias e, nestas circunstâncias, os paraquedistas levavam consigo apenas o armamento e equipamento, além de umas poucas caixas de rações de combate.

Realce-se ainda que enquanto os Páras permaneceram no porto de Dili, se deslocaram diariamente ao seu aquartelamento, o qual, apesar de desguarnecido, não foi ocupado por nenhum dos Movimentos, o que reforça a ideia do respeito que as diferentes forças políticas tinham pelo DPT.

Depois de navegar toda a noite, a pequena frota (navio «Mac-Dili», Barcaças «Laleia» e «Comoro», rebocador Lifau, e lancha de fiscalização «Albufeira») avistou a ilha de Ataúro ao amanhecer de 27. A LDM aproximou-se da praia mas, dada a existência de uma extensa barreira de corais ao longo da costa, não conseguiu acostar. Valeu na circunstância a iniciativa de um pescador que, apercebendo-se da dificuldade, se acercou na sua piroga e indicou uma passagem nos corais.

Na ilha estava estacionada uma força de 25 homens comandada por um sargento. Tendo-lhe sido ordenado que hasteasse a bandeira nacional e prestasse honras militares ao governador, de forma que a chegada deste se revestisse do mínimo de dignidade, cumpriu sem hesitação.

Os efectivos chegados alojaram-se nas instalações militares e em duas escolas existentes nas imediações.

Constatou-se que a população da ilha desconhecia a gravidade da situação em Dili.

Oé Cussi - Porta de Armas

Alguns aspectos característicos do período entre 8 e 26 de Agosto: ***

— A radicalização progressiva tanto da UDT como da Fretilin conduziu à criação de um clima propício à eclosão de conflitos graves.

— No meio militar preparavam-se profundas alterações do dispositivo visando a constituição de postos militares e a reorganização de Unidades. Esta intenção foi prejudicada pela crescente penetração partidária da FRETILIN no meio militar autóctone, bem como por uma acentuada desmotivação dos militares metropolitanos. Em Dili, o Destacamento de Paraquedistas mantinha elevada capacidade operacional.

— Os militares metropolitanos concentraram-se na zona neutra do cais/Bairro Militar, onde o Destacamento de Paraquedistas manteve elevado espírito de prontidão.

— A organização da zona neutra, na área do cais, não dispunha de armamento pesado. A participação de alguns militares europeus na defesa foi deficiente e não dignificante; o comportamento do Destacamento de Parquedistas contribuiu decisivamente para assegurar o respeito pela área, encontrando-se durante toda a crise de Agosto em permanente estado de prontidão para cumprir as missões que lhe fossem atribuídas.

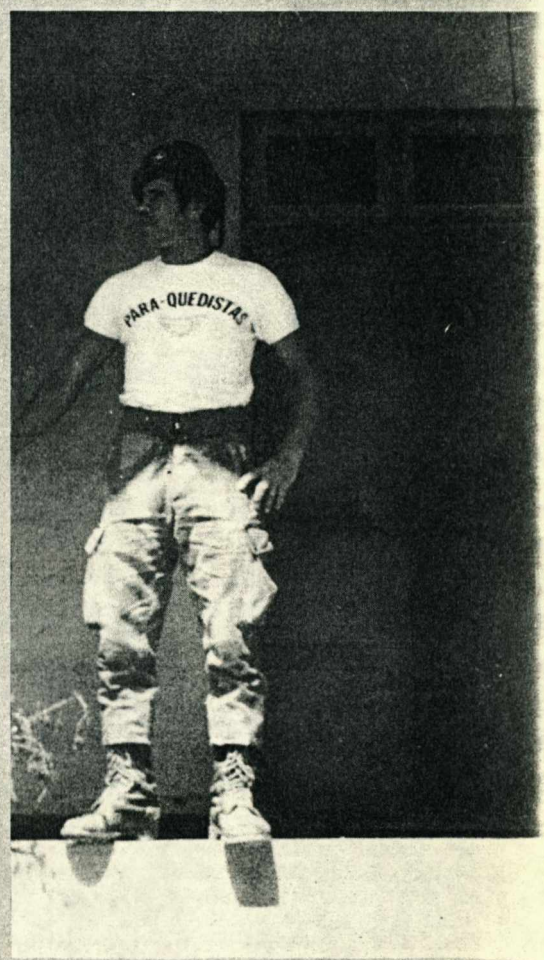
— A permanência em Dili tornou-se delicada por insuficiente capacidade de resistência e alimentação. A retirada para Ataúro foi sancionada pelo poder central, não se vendo melhor alternativa que aquela ilha, uma vez que Baucau (com pista internacional) não estava sob controlo do Governo.

4. Período de 27 de Agosto a 07 de Dezembro de 1975 (estadia na ilha de Ataúro)

Os primeiros dias foram ocupados no reconhecimento da ilha e na montagem de um dispositivo de segurança destinado a evitar surpresas.

Com meios TSF trazidos de Dili e outros pertencentes aos navios «LIFAU» e «MAC-DILI», manteve-se contacto com o exterior, designadamente acompanhando as emissões difundidas pelo partidos em Dili.

Ao fim de alguns dias, escasseando os géneros trazidos de Dili, passou a comer-se arroz cozido com peixe e alguns caprinos fornecidos pelos naturais da ilha, regime que se manteve durante cerca de um mês. Passado esse período, chegou uma LDG proveniente de Darwin com uma quantidade



Oé Cussi (Messe)

apreciável de géneros alimentícios e de materiais de construção, tendo então sido possível montar um self-service com louça e talheres em quantidade adequada, ao mesmo tempo que se melhorava a qualidade de alimentação. Foram também preparadas na altura instalações sanitárias.

No sentido de preservar os mais elementares princípios da disciplina, efectuavam-se diariamente formaturas gerais do DPT pelas 08H00 e pelas 14H00. De início realizaram-se sessões de treino físico; contudo, dadas as carências alimentares e de higiene, foram dadas por findas passado algum tempo.

Neste período apenas merece destaque a missão, parcialmente frustrada, da recolha de prisioneiros que se encontravam em poder da UDT na ilha de Timor. No dia 28 de Agosto embarcou na barcaça «Comoro» uma secção de paraquedistas com a missão de recolher os referidos prisioneiros em Oecússi e Batugadé. Estes últimos não puderam ser recolhidos porque a UDT, entricheirada na praia, não o permitiu, tendo a barcaça regressado a Ataúro apenas com os militares recolhidos em Oecússi.

Em 03 de Setembro o Governador enviou ao Governo Central o seguinte telegrama:

Formatura do destacamento em Ataúro

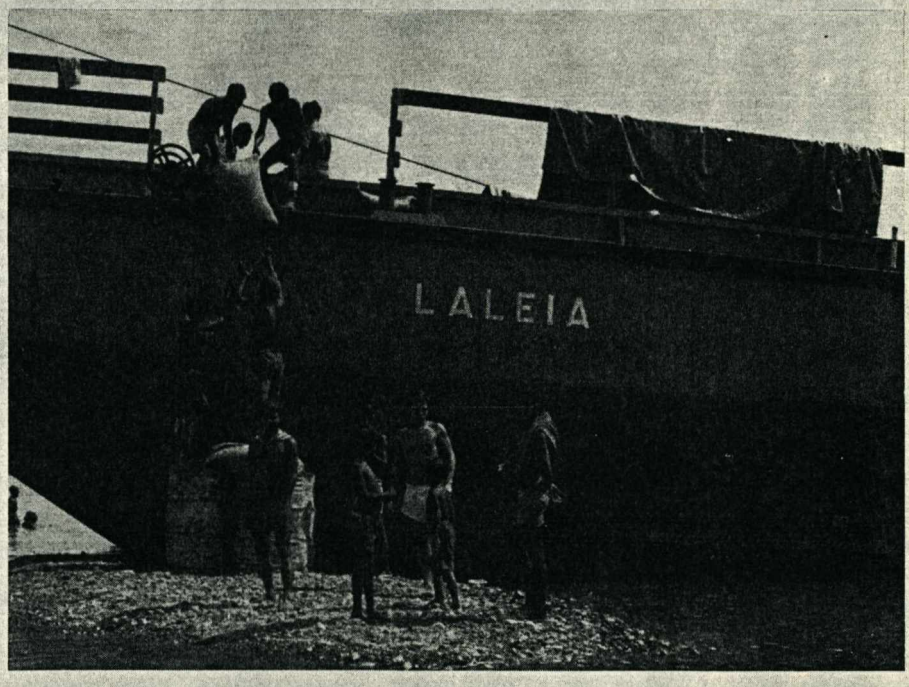
«Face arrastar negociações, imprevisível solução final e tendo conta situação psicológica pessoal militar Timor solicito planeamento rendição destacamento 'paras' e pessoal Armada ...»

Efectivamente, a 06 de Outubro chegou a Ataúro a corveta «Afonso Cerqueira» que, para além de diverso material, transportava pessoal para rendição do DPT.

Em 07 de Dezembro ao alvorecer, a Indonésia invadiu Timor.

Em 08 os últimos representantes portugueses no Ataúro embarcaram na corveta «João Roby» que os transportou para Darwin.

CORONEL PARA-QUEDISTA
NUNO BRAVO MIRA VAZ



Reabastecimento

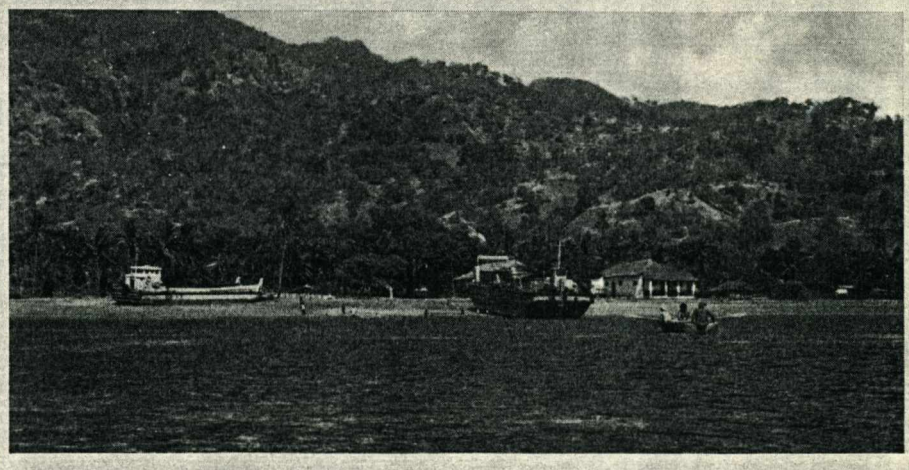
[redacted]

APODETI — Associação Popular Democrática de Timor
FRETILIN — Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente
GADIFAT — Gabinete de Dinamização das Forças Armadas de Timor
UDT — União Democrática Timorense

* Estas conclusões constam do «Relatório da Comissão de Análise e Esclarecimento do Processo de Descolonização de Timor».

** Ver tradução do jornal «Advertiser».

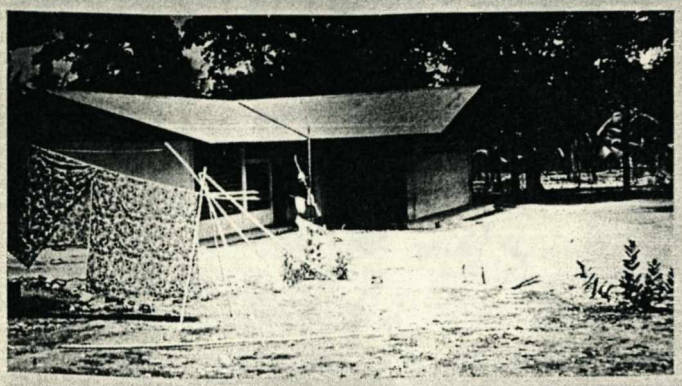
*** Estas conclusões resumem o conteúdo, na parte que interessa, do «Relatório da Comissão de Análise e Esclarecimento do Processo da Descolonização de Timor».



Ilha de Ataúro

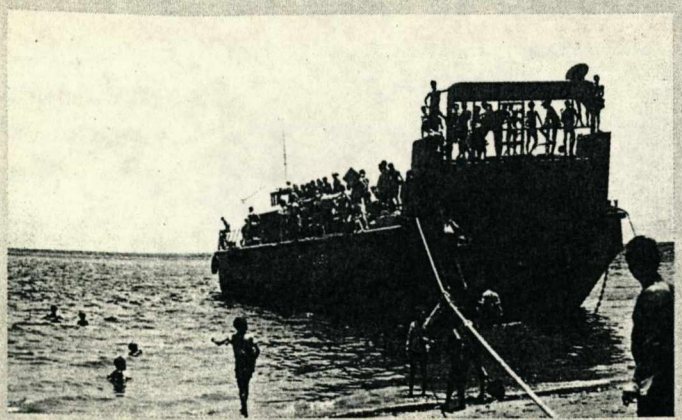
HISTÓRIA SUCINTA DO DESTACAMENTO DE PARAQUEDISTAS DE TIMOR

Alojamento de graduados na ilha de Ataúro



Alojamento de praças na ilha de Ataúro

Chegada ao Ataúro duma missão ao Oé Cussi



Saída de Ataúro. Cap. Branco e suas catatuas

EXEMPLAR Nº 13

CCFAT
TAIBESSE.
16MAI75
FR 6/3

DIRECTIVA Nº2 PARA A ACTUAÇÃO DO DESTACAMENTO DE PARAQUEDISTAS EM TIMOR

1. FINALIDADE

Tendo sido cometida ao Destacamento de Paraquedistas a missão de actuar em prioridade nas áreas de DILI; MAUBISSE, TURISCAI, AINARO; ATSABE, LILIANA, NUNURA; VIQUEQUE, UATO-LARI, UATO-CARABAU, deve desde já aquela força familiar-se com as referidas áreas e com os meios de transporte e equipamento que normalmente utiliza, fazendo simultâneamente uma acção de presença naqueles locais.

2. MISSÃO

Efectuar exercícios com o efectivo aproximado de uma secção nas áreas de actuação prioritária.

3. INSTRUÇÕES DE COORDENAÇÃO

- Em cada semana deve ser efectuado um exercício de duração aproximada de 3 dias;
- Devem ser utilizados os helis para a largada do pessoal a fim de aumentar a imagem de eficácia da referida força;
- Cada exercício deve ser precedido dum planeamento conjunto a efectuar pelo CMDT do Destacamento de Paras, CMDT do Destacamento de Helis, Oficial de Operações do CTIT, Oficial de Informações do CTIT, Oficial de Transmissões do CTIT;
- Devem ser aproveitados os exercícios para que um militar do CTIT, da respectiva zona de acção faça esclarecimento político;
- Os responsáveis pelas zonas de acção onde se vão efectuar os exercícios serão informados pelo QG da sua realização e deverão prestar o apoio necessário à força em exercícios;
- Após a realização dos exercícios deverão ser elaborados relatórios breves onde serão salientados os conhecimentos colhidos e as deficiências encontradas para ulterior aperfeiçoamento;
- Depois do primeiro contacto com as áreas de actuação prioritária serão feitos também exercícios de patrulhamento costeiro.

O COMANDANTE - CHEFE

MÁRIO LEMOS PIRES
CORONEL

DISTRIBUIÇÃO:

Ex. Nº.1 - CMDO CHEFE
Ex. Nº.2 - 2ª REP/CTIT
Ex. Nº.3 - 3ª REP/CTIT
Ex. Nº.4 - 4ª REP/CTIT
Ex. Nº.5 - OFICIAL TRANSMISSÕES
Ex. Nº.6 - COMDT DEST. HELIS
Ex. Nº.7 - COMDT DEST. PARAS
Ex. Nº.8 - COM.SEC.CENTRO
Ex. Nº.9 - COM.SEC.LESTE
Ex. Nº.10 - AGR.CAV.FRONTEIRA
Ex. Nº.11 - COM/DEFESA DILI

AUTENTICAÇÃO

O CHEFE DO ESTADO MAIOR DO CTITIMOR

ANTÓNIO EDUARDO QUEIROS MATTENS BARRENTO
MAJ.CAV.E/OCEM

R. EXEMPLAR Nº 47

CCFAT
TAIBESSE
16MAI75
FR 002

DIRECTIVA Nº1 PARA A ACTUAÇÃO DO DESTACAMENTO DE PARAQUEDISTAS EM TIMOR

1. MISSÃO

O Destacamento de Paraquedistas é uma força de intervenção do Comandante-Chefe a quem é cometida a seguinte missão:

- Por acções de presença dissuadir que a Segurança e a Paz sejam alteradas;
- Por acções de força garantir a segurança e a paz em áreas onde esta tenha sido alterada;
- Patrulhar a faixa costeira;
- A ordem, garantir a livre utilização do aeroporto de BAUCAU.

2. CONCEITO

Estar apto a intervir em qualquer ponto do território com o efectivo mínimo de 1 Pel (-), com prioridade para as áreas de DILI; MAUBISSE, TURISCAI, AINARO; ATSABE, MALIANA, NUNURA; VIQUEQUE, UATO-LARI, UATO-CARABAU.

Manter um conhecimento actualizado das características físicas e da evolução política, económica e social de TIMOR com especial atenção as áreas de actuação prioritária.

O COMANDANTE - CHEFE

MÁRIO LEMOS PIRES
CORONEL

DISTRIBUIÇÃO:
A mesma da Directiva Nº01 do CCFAT

AUTENTICAÇÃO

O CHEFE DO ESTADO MAIOR DO CTITIMOR

ANTÓNIO EDUARDO QUEIROS MARTINS BARRENTO
MAJ.CAV. e/CCEM

Destacamento de Caçadores Pára-quedistas nº 1

Cais - Dili

Relatório de ocorrência

Dia 21 de Agosto de 1975 pelas 09H45, face à ordem do Exmo Comandante-chefe das Forças Armadas de Timor, saiu o Destacamento de Caçadores Pára-quedistas nº 1 do aquartelamento de CAICOLI (Dili), entre as 10H00 e as 12H30 para o Cais de Dili, levando o máximo de material possível no referido espaço de tempo. Para o efeito foram cedidas ao Destacamento duas viaturas da Câmara Municipal de Dili.

A impossibilidade de tempo e meios resultante do ambiente de combate entre os partidos políticos em Dili, obrigou a medidas urgentes e de segurança que não se conciliaram com o resguardo necessário, a todo o material. Por esta razão verificaram-se faltas.

Submete-se este relatório a despacho do Exmo Comandante Chefe das F.A. de Timor.

Dili, 23 de Agosto de 1975

O COMANDANTE INTERINO

FERNANDO MANUEL BRANCO
TeN/PÁRAQ.

Despacho
Confirmo o presente relatório, salientando as condições em que foi a operação efectuada por motivos de segurança, pois devia conhecimento de — ataque da UDT em vista o ultimato à Rendição do Destacamento, o que de vez a confusão.
Nas condições do destacamento foi impossível transferir a totalidade dos materiais e, bem assim, com a condição necessária pois não, o que poderia demais o estimulo.
Dili, 24 Agosto de 1975

COMANDO - CHEFE FAT

DETERMINAÇÃO

S. Exª o COMANDANTE - CHEFE ENCARREGA-ME DE INFORMAR O SEGUINTE

O DESTACAMENTO DE PARAQUEDISTAS SAI HOJE DO SEU AQUARTELAMENTO ENTRE AS 1000 E AS 1230 PARA O CAIS, LEVANDO O MAXIMO DE MATERIAL QUE PUDEREM, NO REFERIDO TEMPO.

O DESTACAMENTO PASSA A FUNCIONAR NA ZONA "DITA" NEUTRA POR O ANTERIOR AQUARTELAMENTO FICAR EM PLENA ZONA DE COMBATE DA UDT. COM A FRETILIN

DILI 21 AGOSTO 1975

O CEM

COMANDO CHEFE DAS FORÇAS ARMADAS DE TIMOR
ORDEM DE SERVIÇO Nº 1/A

Quartel General na Ilha de ATAÚRO, 30 de Agosto de 1975

O Exmº.Coronel Comandante-Chefe das Forças Armadas de Timor determina e manda publicar

III JUSTIÇA E DISCIPLINA

REFERÊNCIA ELOGIOSA

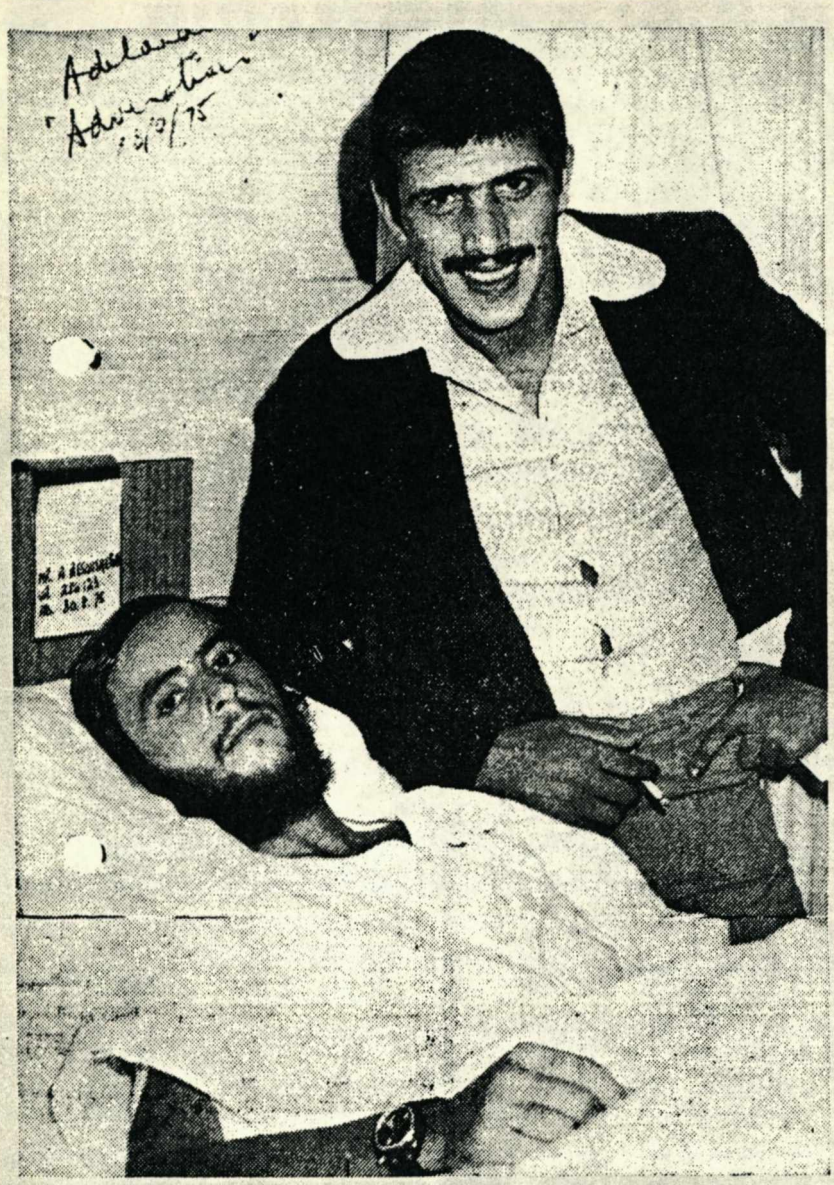
1 - Aos Militares dos três Ramos das Forças Armadas de Timor que viveram os acontecimentos desde o dia 8 de Agosto, manifesto o muito apreço pela forma como se conduziram e acataram as decisões resultantes da Manobra concebida, muito contribuindo para a difícil concretização dos objectivos que nortearam a moção do Governador e Comandante-Chefe.

As concepções constatadas não podem fazer esquecer o mérito da acção genérica dos Miliatres e, muito menos, dos numerosos casos individuais cuja acção foi de excepcional importância e valor.

2 - É de todo o merecimento destacar a acção do DEST/PÁRAS/DILI pois, sendo uma Tropa essencialmente operacional, desempenhou cabalmente as missões que lhe foram cometidas no âmbito da ligação e defesa da Zona Neutral na qual se encontrava o Governo e o Comando Militar.

Perfeitamente integrados na Missão, os Militares Paraquedistas muito contribuiram para que se cumprisse o objectivo de "os Miliatres Metropolitanos não abrirem hostilidades com os Partidos em luta". Por virtude do comportamento que lhes foi exigido, vieram a sofrer vários feridos, alguns dos quais gravemente.

'THEY SAY HE'S A HERO'



Tradução do jornal «ADVERTISER» de Adelaide, Austrália

DIZEM QUE ELE É UM HERÓI

Para o grupo de portugueses no Royal Hospital Américo de Sousa e Sá é um herói

Américo é um soldado de 22 anos que foi gravemente ferido quando tentava salvar crianças no decurso da luta no Timor português.

Uma granada de morteiro explodiu no mar junto dele, matando a criança que levava nos braços.

No hospital encontra-se igualmente o soldado Artur de Sousa Couto, que foi atingido por estilhaços de morteiro durante a operação de salvamento.

Os dois soldados, que fazem parte de um grupo de seis vítimas da luta em Timor, foram evacuados daquele território pela RAAF e têm vindo a ser tratados no Royal Adelaide Hospital.

Ontem, o Artur e um funcionário público timorense de nome A. Ferreira, foram os primeiros a ter alta da «Secção portuguesa» do S5. Foram eles quem, com a colaboração de portugueses residentes, deu a conhecer a acção do Américo.

Este e um outro soldado depararam com um grupo de mulheres e crianças que procuravam fugir aos combates e decidiram evacuá-las para uma barcaça.

«Puseram-nas a bordo e estavam a empurrar a embarcação para o largo quando o Américo viu uma rapariga no molhe», disse um intérprete.

«Voltou atrás e agarrou a criança».

«Quando regressava à barcaça, uma granada de morteiro lançada por desconhecidos explodiu junto deles».

«A explosão matou algumas das crianças embarcadas e ele foi atingido juntamente com a criança que levava ao colo, a qual teve morte instantânea».

Eles dizem que o Américo é um herói por aquilo que tentou fazer.

To the Portuguese group at the Royal Adelaide Hospital, Amerigo de Sousaesa is a hero.

Amerigo, a 22-year-old soldier, was badly wounded while trying to rescue children during the fighting in Portuguese Timor.

A mortar shell exploded in the sea near him and killed the child in his arms.

Another soldier in the hospital, Artur de Sousa Cotoo, also was injured by mortar fragments in the rescue operation.

They are among six victims of the Timor fighting who have been treated at the Royal Adelaide Hospital since August 30, following evacuation from East Timor by the RAAF.

Yesterday Artur and a Timorese public servant, Mr. A. Ferreira, were the first to be discharged from the six-bed "Portuguese section" of ward 85.

With the help of Portuguese residents in Adelaide they told of Amerigo's action.

He and the other soldier had found some women and children caught in the fighting in Dili, and had decided to try to evacuate them in a barge.

Risked life to save children

"They got them aboard and were pushing the barge out to sea when Amerigo saw a girl standing on the jetty," an interpreter said.

"He turned back and grabbed the child.

"He was wading back to the barge when someone lobbed a mortar shell near them.

"It killed some of the children in the barge and he and the girl were hit. She died in his arms.

"They say he is a hero for what he tried to do."

Among other victims at the RAH is a Chinese businessman who lost three children in Timor.

An interpreter said the man, Mr. L. H. Chong, had been evacuated to Adelaide with his wife and five of his eight children.

A 10-year-old son had been killed, but two other children, aged one and 11, were missing.

"He thinks they may be alive, but he does not know where they are. He has lost contact with them," the interpreter said.

Another patient, Mr. A. Pinto, 18, is a civil engineering student who was working in Timor when the fighting broke out.

Naval Sergeant J. Lourence, 44, said he was hit by a stray bullet.

"We were not fighting, we did not have arms," he said.

He expected to be discharged soon, and would return to Timor where he was stationed.

He and the two soldiers will return to Portugal, but Mr. Chong and Mr. Ferriera intend to stay in Australia.

The two Portuguese soldiers who risked their lives to save children in Timor, from left, Amerigo de Sousaesa and Artur de Sousa Cotoo.

QUADRAS QUE SE FORAM INSCREVENDO NA PAREDE DO BAR DURANTE A PERMANÊNCIA NA ILHA DE ATAÚRO

Óh — ilha de encantamento
De mil conchas e corais
Já basta de sofrimento
Já não te Ataúro mais.

Corcóra OUT75

Óh lírio que foste lírio
Óh lírio que ainda és
Deixo-te o Romais mais o Pereira
Páras Beiros e Tokés

In Diário de Bordo OUT75

Óh capitão de corcóra
O poeta está à breca
Não insistas, vai-te embora
Óh almirante cuéca.

In 2+2

Deixas Pereira e Romão
Não fazes grande façanha
Cura-te ó cirurgião
Vai à bruxa da montanha.

In Mau-Meta

Adeus Romão e Barreto
Companheiros de Sueca
Ao gordo deixo o soneto
Ao magro deixo a cueca.

Adeus Vila de Maumeta
Eu vou partir, está na hora
Deixo ficar a corveta
A laleia e a corcóra.

Nossa Senhora das Dores
Tem 7 espadas no peito
Mau-meta tem 7 letras
Que ferem do mesmo jeito.

Ao Comandante Naval
Que bem merece um soneto
Deixo Napalm a granel
E uma perna em pau-preto.

Adeus Cabanas de Ramos
Adeus Pereira das Caldas
Vou partir por muitos anos
Já estou farto de dar baldas.

Já cá passei muitas luas
Vou-me embora na laleia
Adeus Branco e Catatuas
Adeus menino Silveira

Se na laleia não for
Vou-me embora na corcóra
Adeus Senhor Governador
Quem cá fica até chora.

Acima acima gajeiro
Acima ao Mastro real
Trás p'ra cá o Sá Carneiro
O Soares mais o Cunhal

Trás também o Sr. Ministro
Os tipos da descolonização
Trás ainda o Gadifat
P'ra aumentar a confusão.

Já trouxeste o Almeida Santos
Um Brigadeiro e Major
Ficou tudo como dantes
Ou talvez ainda pior

Depois veio o Adelino
E agora quem virá mais?
Será o Rosa Coutinho?
Ou será o Silva Pais?

Já não temos viaturas
Nem barcos, nem avião
Temos água com fartura
E temos massa c/feijão.

E o tempo vai passando
Nesta agonia lenta
Eles lá, se marimbando
E a Malta é que aguenta.

do Livro Adeus - «Ai-menas»
OUT75

Óh Doutor, óh Doutor
Director do Hospital
Tu não podes ir embora
Tens de tratar do pessoal.

Nesta ilha do Ataúro
Estou a ver tanto poeta
Não sei se é inspiração
Ou da beleza de Maumeta.

Os poetas do Ataúro
Já fazem versos às cegas
São como o Pereira, têm treta
E no fim são tudo negas.

Proliferam os poetas
Como os filhos nos casais
Tomem a pílula, senhores
Que isto assim já é demais.

Dois meses já estão passados
E o terceiro já aí vem
Quando é que a malta vai
Manifestar-se a Belém.

Corcóra 27/10/75

AQUI
DESEMBARCARAM
PORTUGUESES
EM
XVIII-VIII-MDXV